

Visão baseada em recursos: Análise da Produção Científica entre 2000 e 2006

Ana Lucia Batista
Trindade

Juliana Costa
Beber

Grace Vieira
Becker

Eduardo
Medeiros
Teixeira

Zandra Balbinot

Centro Universitário Positivo - UnicenP

RESUMO

Existem na literatura duas grandes abordagens para explicar porque as organizações têm desempenhos diferenciados. A primeira destaca que a essência da vantagem competitiva da organização está na sua interação com o ambiente na qual se encontra. Assim, a estrutura da indústria é que determina o comportamento da firma e sua performance econômica futura (PORTER, 1979, 1980). A outra abordagem, denominada Visão Baseada em Recurso (VBR), atribui maior importância à firma individual, uma vez que a vantagem competitiva encontra-se na capacidade da empresa de desenvolver recursos únicos de difícil imitação e substituição (RUMELT, 1984, BARNEY, 1991). Sendo atualmente considerada como a abordagem dominante nos debates acerca da “localização” da vantagem competitiva nas organizações (HOSKINSSON et al, 1999), este estudo se propõe a analisar a produção científica fundamentada na abordagem VBR nos últimos sete anos. Para tanto, busca-se evidenciar as características metodológicas dos artigos que apresentam esta abordagem e os temas a ela relacionados. Os resultados demonstram que a metodologia utilizada na bibliografia investigada parece estar afinada aos propósitos da VBR, entretanto a apropriação desta abordagem, principalmente na literatura nacional, ainda é pouco significativa.

Palavras-chave: Abordagem VBR, estratégia, desk research

1. INTRODUÇÃO

Um dos grandes desafios enfrentados por pesquisadores no campo da administração estratégica tem sido o de desvendar como as empresas alcançam e mantêm posições competitivas no mercado. Entre os anos 60 e meados dos 80, com base nas premissas da economia industrial, destaca-se a visão de que o posicionamento da firma na indústria explica a vantagem competitiva das organizações. Essa perspectiva pressupõe a necessidade de um olhar voltado ao ambiente externo, para que a empresa defina sua estratégia e desenvolva um diferencial competitivo que lhe garanta vantagens frente aos concorrentes. Predomina, assim, uma análise das condições de competitividade no nível da indústria, ignorando os aspectos internos de cada firma e sua possibilidade de criar e desenvolver vantagens competitivas no seu ambiente de atuação.

Já no início dos anos 80, uma nova perspectiva preocupa-se em “abrir a caixa-preta” e investigar o que diferencia internamente uma empresa de outra, procurando entender por que algumas empresas se destacam numa indústria e outras falham (SANCHEZ, 2003, HOSKISSON et al, 1999). Na Visão Baseada em Recursos (VBR), prevalece o entendimento do ambiente organizacional, onde a fonte da vantagem competitiva encontra-se na aquisição e

proteção de seus recursos internos. Sob esta ótica, a empresa, através da combinação única de seus recursos e capacidades, é capaz de alterar sua posição no ambiente em que está inserida (BARNEY, 1986; WERNERFELT, 1984). Uma das principais contribuições da VBR para o gerenciamento estratégico está em suportar pesquisas nas diversas áreas como economia, teoria das organizações, organização industrial e a própria estratégia (RUGMAN e VERBEKE, 2002). Apesar de existirem diversos estudos adotando a VBR como embasamento teórico a utilização desta abordagem em trabalhos sobre gestão organizacional ainda pode ser considerada pouco madura (RUGMAN e VERBEKE, 2002).

Neste contexto, a presente pesquisa pretende verificar tal constatação e contribuir para a ampliação do conhecimento sobre a aplicação da Visão Baseada em Recursos. Através da análise dos artigos publicados na área de estratégia nos últimos sete anos, busca-se evidenciar tendências da produção científica acerca da VBR, apresentando as características metodológicas destes artigos e os temas a ela relacionados.

2. A ABORDAGEM DA VISÃO BASEADA EM RECURSOS

A perspectiva de focalizar nos recursos internos da empresa a fonte de desempenhos superiores não é novidade na trajetória do pensamento administrativo (GRANT 1991; WERNERFELT 1984; BARNEY, 1991). A perspectiva da VBR origina-se nos trabalhos de Edith Penrose no final da década de 50 e dissemina-se a partir das publicações de Wernerfelt na década de 80.

Concebendo a empresa como um feixe de recursos, a ênfase de Penrose está em explicar como estes recursos podem limitar e/ou possibilitar o crescimento das firmas (PENROSE, 1959/1995). Segundo a autora, não é a posse e sim a utilização plena de um conjunto específico de recursos que diferenciam as organizações na indústria na qual estão inseridas. O trabalho de Penrose é considerado seminal para a VBR, pois as noções referentes à especificidade das firmas, heterogeneidade dos recursos, importância do conhecimento e aprendizagem, previstos pela autora, são os fundamentos desta perspectiva que hoje se consolida (VASCONCELOS; CYRINO, 2000; RUGMAN; VERBEKE, 2002).

Resgatando os pressupostos de Penrose, Wernerfelt estuda a relação entre recursos da firma e lucratividade e lança a idéia de *posição baseada em recursos*. Este conceito implica a criação de barreiras de entrada pela empresa, através da exploração e desenvolvimento de um *portfólio* de recursos que a diferencie de outras empresas e a conduza ao alto desempenho financeiro. Segundo o autor, uma vez especificando seu *mix* de produtos, uma empresa torna-se capaz de identificar os recursos necessários neste processo. Inversamente, pela especificação dos recursos, um ótimo *mix* de produto pode ser desenvolvido, fornecendo, assim, maiores *insights* e economias de escopo. Wernerfelt define recursos como o conjunto de todas as forças e fraquezas de uma empresa, que por sua vez podem ser tangíveis e intangíveis, tais como: marcas, conhecimento tecnológico, habilidades pessoais dos funcionários, contatos com clientes, máquinas, procedimentos eficientes, etc (WERNERFELT, 1984).

O ressurgimento do interesse sobre a visão da empresa baseada em recursos reflete a insatisfação sobre a teoria clássica das políticas de negócios até então sustentada pela perspectiva da análise da indústria (BARNEY, 1991; GRANT, 1991, HOSKISSON *et al*, 1999). O determinismo ambiental, segundo o qual o mercado define a performance da empresa impondo condições que devem ser satisfeitas para sua sobrevivência e crescimento nesta indústria/mercado, começa a ser alvo de questionamentos. A crítica intensifica-se à medida que um olhar e uma atuação mais criteriosa sobre os recursos internos de uma

organização apresentam-se como um caminho viável na busca de resultados superiores (LADO *et al*, 1992).

Segundo Foss (1997), a visão baseada em recursos está sustentada em duas generalizações e em duas proposições, respectivamente, conforme apresentado a seguir: (a) há diferenças sistemáticas entre as firmas na forma como elas controlam os recursos necessários à implementação de suas estratégias; (b) estas diferenças são relativamente estáveis; (a) as diferenças nas dotações de recursos causam diferenças de performance; (b) as firmas procuram constantemente melhorar a sua performance econômica. As conclusões do autor indicam que esta nova visão entra em conflito tanto com a teoria econômica tradicional quanto com o modelo de análise da indústria de Porter, principalmente no que se refere ao entendimento do fenômeno da heterogeneidade das firmas, não atribuído à obra do acaso - que desestabiliza o equilíbrio do sistema econômico, mas a diferenças qualitativas relativas a recursos específicos internos à empresa (VASCONCELOS; CYRINO, 2000).

Começa a se delinear então uma nova maneira de se perceber a competitividade das empresas. Por acrescentar uma nova perspectiva sobre a “localização” dos fatores de diferenciação, se externos ou internos à firma, a VBR significa uma mudança de paradigma no entendimento da competitividade da empresa: ao invés de uma concorrência por produtos, passa a ser uma concorrência por recursos e competências (RUMELT, 1994). A forma de lidar com a competitividade reflete-se na maneira de se analisar um negócio e iniciar seu intento estratégico. O ponto de partida baseado nas indagações sobre missão e definição de negócio se redirecionam para a identificação de recursos e desenvolvimento de capacidades (FOSS, 1997).

Segundo Mills *et al* (2002), todas as empresas baseiam seus objetivos estratégicos na satisfação das necessidades de seus clientes, ou seja, alinhando seus produtos e serviços com o mercado existente, mais especificamente utilizando a análise SWOT (forças, fraquezas, oportunidades e ameaças) vinculada ao modelo de Porter. Entretanto, destaca Mills *et al* (2002), as empresas não observam outro aspecto complementar desta análise: identificar os recursos relacionados a suas forças e fraquezas. Por exemplo, reduzir o tempo de entrega é fator determinante para garantir a competitividade de uma empresa em um determinado mercado, mas apenas algumas reduzirão o *leadtime* com maior rapidez e confiabilidade que outras. Essa situação é dificilmente explicada pelo mercado. Contudo, ela pode ser entendida através dos recursos que a empresa pode acessar e a efetividade da gestão de mobilizá-los (MILLS *et al*, 2002).

Barney (1991) também ressalta a gestão como um elemento fundamental na VBR, pois os líderes e gestores são capazes de entender, coordenar e controlar a performance atual e potencial das dotações da empresa ao longo do tempo. Destaca-se assim a relevância das origens históricas e estágios de crescimento da empresa, pois a habilidade da organização em adquirir e explorar recursos depende de seu lugar no tempo e no espaço (SELZNICK, 1997). Stinchcombe, na década de 60, já apontava a importância desta perspectiva ao afirmar que organizações formadas em um dado período apresentam estruturas sociais diferentes daquelas formadas em outro período histórico (STINCHCOMBE, 1965). A perspectiva histórica na VBR ressalta que a posição atual dos recursos da firma é o retrato de sua herança do passado, onde as ações tomadas, no sentido de construir e desenvolver ativos raros e valiosos, não são casuais. Elas interagem fortemente com as decisões passadas, condicionando, assim, as decisões presentes e futuras. “Se uma firma obtém recursos raros e valiosos devido a sua trajetória única ao longo do tempo, ela será capaz de explorar aqueles recursos na implementação de estratégias criadoras de valor que não poderão ser duplicadas por outras firmas.” (BARNEY, 1991, p. 108).

Ao contrário da perspectiva de Porter, os defensores da VBR atribuem maior importância à firma individual, uma vez que a vantagem competitiva encontra-se na capacidade da empresa de desenvolver recursos únicos de difícil imitação e substituição, assumindo o caráter idiossincrático destacado por Penrose (PETERAF, 1993, RUMELT, 1984, BARNEY, 1991). Neste sentido, para os pesquisadores da VBR, a performance superior, ou rendas ricardianas, é garantida pela limitada oferta de recursos, tanto os disponíveis no mercado quanto aqueles capazes de serem desenvolvidos internamente. A preocupação, portanto, privilegia a existência de mecanismos de isolamento ou barreiras de entrada que evidenciam a capacidade organizacional de proteger seus recursos contra possíveis imitações e/ou substituições (RUMELT, 1984, BARNEY, 1991).

A perspectiva de competitividade advinda da VBR possibilita uma nova concepção de negócio, onde a orientação *inside out* garante à empresa a responsabilidade por escolher e decidir o seu próprio futuro. A estratégia empresarial adquire assim uma nova dimensão, sendo direcionada para o desenvolvimento e exploração de recursos e capacidades organizacionais.

3. METODOLOGIA DA INVESTIGAÇÃO

O procedimento metodológico aplicado nesta pesquisa foi o de *desk research*, que envolveu a análise de artigos publicados na área de estratégia no período de 2000 a 2006 em três tipos de publicações: as principais revistas acadêmicas de Administração no Brasil (681 artigos e 215 resumos), os anais do ENANPAD (483 artigos) e um dos principais periódicos de publicação estrangeira na área de estratégia, o *Strategic Management Journal- SMJ* (487 artigos), perfazendo um total de 1651 artigos e 215 resumos analisados. As revistas acadêmicas investigadas foram as seguintes: Revista de Administração de Empresas (RAE), Revista de Administração Contemporânea (RAC) e Revista de Administração da USP (RAUSP). Foram escolhidas estas revistas porque outros estudos na área de Administração que fizeram uso destas publicações, obtiveram resultados relevantes na análise da produção científica no Brasil (VIEIRA, 1998; PERIN et al, 2000; HOPPEN e MEIRELLES, 2004; TONELLI et al, 2003). O segundo conjunto escolhido para análise foram os 483 artigos dos anais do ENANPAD, na área temática de Estratégia, pela representatividade deste evento na divulgação da pesquisa científica em Administração, principalmente no Brasil. Por fim, o terceiro conjunto de artigos analisados constituiu-se dos 487 artigos publicados pelo *Strategic Management Journal*, que representa um importante meio de publicação estrangeira na área de Estratégia (RAMOS-RODRÍGUEZ e RUÍZ-NAVARRO, 2004), permitindo assim, um comparativo com a publicação científica brasileira. Neste periódico foram publicadas as primeiras matérias sobre a teoria da Visão Baseada em Recursos por Wernerfelt em 1984, 1989 e 1991.

Escolheu-se o período de 2000 a 2006 porque as primeiras publicações que exploraram a teoria da VBR iniciaram-se no final da década de oitenta e início dos anos noventa. Sendo assim, na análise do período escolhido será possível identificar a tendência e a maturidade da aplicação desta teoria após 15 anos da sua proposição pelos primeiros autores que publicaram trabalhos com esta temática.

Este estudo baseou-se na metodologia testada e consagrada em trabalhos que se propuseram à análise da produção científica nas áreas de Administração Geral, Marketing e Sistemas da Informação (HOPPEN e MEIRELLES, 2004; DAVEL e ALCADIPANI, 2003; TONELLI et al., 2003; SAMPAIO e PERIN, 2006; BERTERO et al. 1999; HOPPEN et al, 1998; MACHADO-DA-SILVA et al, 1990).

O processo de identificação e seleção de artigos considerou duas etapas. Na primeira

etapa, efetuou-se a busca por artigos que apresentassem as expressões Visão Baseada em Recursos, VBR, Teoria dos Recursos Empresariais, Resource-based View e RVB, não somente nas palavras-chave e resumos, mas em todo o texto. Cabe destacar que na análise da Revista RAUSP foram investigados apenas os resumos (215) e as palavras-chave. Na segunda etapa, analisou-se as características metodológicas dos artigos onde foram encontrados a teoria da VBR como fundamentação teórica. Os elementos metodológicos investigados foram adaptados de Machado-da-Silva, Cunha e Amboni (1990), Sampaio e Perin (2006) e Froemming et al. (2000). Neste estudo foi feita uma análise abrangente, enfocando-se as variáveis analisadas nos seguintes aspectos: perfil metodológico e temática.

Com relação ao aspecto de perfil metodológico optou-se pela classificação mais genérica, indicada por Machado-da-Silva, Cunha e Amboni (1990), agrupando os artigos dentro de três grupos: (a) empírico, para aqueles artigos onde não há quadro referencial específico para explicação das situações reais, onde tem-se a observação e análise dos dados; (b) teórico-empírico, onde o estudo parte de um quadro de referências teóricas e pela coleta e análise dos dados busca-se confirmar ou negar no todo ou em parte a teoria proposta; e (c) o teórico, que considera os trabalhos que se limitam a conceitos, proposições, identificação de variáveis, construção de modelos, sem envolver teste empírico.

Dentro desta classificação mais genérica, agrupou-se os artigos pelo método e natureza de pesquisa aplicados. Esta classificação envolveu apenas os artigos classificados como empíricos ou teórico-empíricos, pois as características metodológicas não encontram-se presentes em artigos teóricos. Para a classificação do método de pesquisa baseou-se no estudo de Tonelli et al (2003) onde os artigos com base empírica são classificados como qualitativos, quantitativos ou mistos (qualitativos/quantitativos). Os critérios para identificar os métodos de pesquisa foram embasados na proposta de Froemming et al (2000). O método de pesquisa qualitativo tem por objetivo uma interpretação mais ampla do fenômeno social em estudo, visando a compreensão de situações onde a prática se antecipa à teoria. As pesquisas consideradas como quantitativas envolvem elementos básicos como descrições quantitativas da população estudada, a realização de coleta de dados por meio de instrumentos estruturados e o uso de informações coletadas em uma amostra da população analisada. As pesquisas consideradas mistas aplicam o método qualitativo e quantitativo em diferentes fases da pesquisa.

Para análise da variável temática, a classificação dos artigos levou em consideração as principais áreas de estudo abordadas sobre gerenciamento estratégico. Optou-se por fazer uma classificação mais genérica, onde foram criados cinco temas principais que orientam as práticas de gestão estratégica. Os temas escolhidos foram: Gestão Mercadológica, focando nos aspectos relacionados com a imagem organizacional; Gestão de Pessoas, quando a abordagem de vantagem competitiva da organização está baseada nas práticas da área de recursos humanos; Gestão Financeira e Econômica, onde o processo de criação de valor está nos aspectos financeiro e econômico da organização; Gestão Organizacional, tema de maior frequência encontrado nos trabalhos científicos na área de estratégica, onde os aspectos fundamentais estão focados nas práticas de gestão empresarial para a obtenção de uma vantagem competitiva; e por fim, a classificação “Outros” que considera os artigos que não se enquadraram na classificação referentes às temáticas anteriores.

A avaliação destas variáveis foi realizada por um grupo de três pesquisadores. A identificação dos artigos foi feita por um pesquisador e revisada por mais dois pesquisadores. A classificação do perfil metodológico e temática de cada artigo foi feita por dois avaliadores. No entanto, para obter uma padronização dos critérios de análise, as avaliações foram amplamente discutidas entre o grupo de avaliadores. Os dados foram coletados através de formulários padronizados elaborados pelos pesquisadores e posteriormente foram tabulados e

processados utilizando o software *Excel*.

4. ANÁLISE DOS RESULTADOS

Nesta seção são apresentados os resultados obtidos na classificação e análise dos artigos publicados nas principais revistas de administração nacionais (RAC, RAE, RAUSP), nos anais do ENANPAD e no *Strategic Management Journal (SMJ)* que aplicam a abordagem da VBR como fundamentação teórica na área de estratégia.

A análise dos resultados seguirá os aspectos propostos na seção de metodologia de investigação: primeiro será abordado a evolução da produção de trabalhos em VBR comparando com o total da produção na área de Estratégia e a seguir será apresentado a análise dos artigos segundo a classificação temática e o perfil metodológico.

4.1 PRODUÇÃO EM VBR EM RELAÇÃO AO TOTAL DE PRODUÇÃO NA ÁREA DE ESTRATÉGIA

A distribuição de frequência da produção científica na área de Estratégia, comparada com as publicações abordando a VBR, considerando o período de 2000 a 2006, é apresentada na Tabela 1 (produção nacional) separada por periódico e ano de publicação. Os dados da RAUSP foram desconsiderados, pois não foram identificadas as expressões definidas sobre a VBR no conteúdo dos resumos dos artigos nem nas palavras-chave, no período analisado.

Tabela 1. Frequência da produção nacional na área de estratégia e produção em VBR.

Ano	ENANPAD			RAE			RAC			Total Nacional		
	Total Artigos	Artigos VBR	% VBR	Total Artigos	Artigos VBR	% VBR	Total Artigos	Artigos VBR	% VBR	Total Artigos	Artigos VBR	% VBR
2000	38	2	5%	57	1	2%	26	0	0%	121	3	2%
2001	58	6	10%	48	0	0%	41	0	0%	147	6	4%
2002	55	4	7%	49	0	0%	41	1	2%	145	5	3%
2003	49	6	12%	44	0	0%	59	2	3%	152	8	5%
2004	54	5	9%	52	0	0%	56	0	0%	162	5	3%
2005	119	6	5%	52	0	0%	61	1	2%	232	7	3%
2006	110	7	6%	54	0	0%	41	1	2%	205	8	4%
Total Geral	483	36	7%	356	1	0%	325	5	2%	1164	42	4%

No período analisado (2000 a 2006), verificou-se a publicação de um total de 1866 artigos na área de estratégia empresarial no ENANPAD, RAE, RAC, RAUSP e *SMJ*. Desses, aproximadamente 5% da produção científica utilizaram-se da VBR. As revistas de administração do país apresentam um número inexpressivo perante esse percentual (0,36%).

Observa-se que entre as publicações nacionais analisadas, o ENANPAD apresenta o maior número de artigos abordando a VBR (7% do total de suas publicações e 3% da publicação nacional). Salienta-se a ausência de publicação em VBR na revista RAUSP, um número não significativo de publicações na RAE e muito poucas publicações da RAC (2% do total de suas publicações e 0,4% da publicação nacional). A Tabela 2 apresenta a produção científica

estrangeira. Comparando-se com as publicações do *SMJ* (8% do total de suas publicações), nota-se que o número de publicações se assemelha ao número de publicações do ENANPAD (7% do total de suas publicações).

Tabela 2. Frequência da produção estrangeira na área de estratégia e produção em VBR - *Strategic Management Journal (SMJ)*.

Ano	<i>SMJ</i>		
	Nro. Total de Artigos	Artigos VBR	% VBR
2000	71	3	4%
2001	63	6	10%
2002	71	7	10%
2003	79	10	13%
2004	69	5	7%
2005	70	5	7%
2006	64	1	2%
Total Geral	487	37	8%

Pode-se notar que no período analisado a produção científica das publicações investigadas, da área de estratégia fundamentadas na teoria da VBR, teve um crescimento no período de 2000 a 2003. A partir de 2004 houve um decréscimo de publicações, tendendo manter-se uma estabilidade a partir deste período.

Analisando-se a evolução das publicações fundamentadas na VBR do ENANPAD e do *SMJ*, identifica-se a mesma tendência de crescimento de produção científica no período de 2000 a 2005. Apenas no período de 2005 a 2006 houve uma diferença entre a produção do ENANPAD e do *SMJ*, onde este último decresceu e o ENANPAD aumentou.

4.2 A TEMÁTICA DA PRODUÇÃO CIENTÍFICA EM VBR

Os conteúdos mais frequentes sobre VBR foram agrupados através de cinco grupos temáticos: Gestão Mercadológica, para os artigos com ênfase em marketing; Gestão de Pessoas, para os artigos referentes a recursos humanos; Gestão Financeira e Econômica, para os artigos referentes a ambas as áreas, Gestão Organizacional, para os artigos referentes à gestão estratégica e por fim, Outros, referente a temas mais diversificados. Foram especificados através da Tabela 3 abaixo, os sub-temas abordados nas diferentes áreas nos artigos analisados. Através de uma análise detalhada dos artigos possibilitou-se a identificação dos sub-temas contidos nas cinco áreas temáticas básicas. Percebe-se que existe uma diversidade de sub-temas dentro da área de gestão organizacional, abordando os temas-chave da área de gerenciamento estratégico tais como: competências organizacionais, capacidades organizacionais, capacidades dinâmicas, aprendizagem organizacional, alianças estratégicas, redes e tomada de decisão. Dentro da classificação temática “Outros” foi possível identificar artigos que abordavam sub-temas como tecnologia, gestão do conhecimento e inovação.

Tabela 3. Sub-temas e conteúdos mais frequentes por grupos temáticos.

<i>Gestão Mercadológica</i>	<i>Gestão de Pessoas</i>	<i>Gestão Financeira e Econômica</i>	<i>Gestão Organizacional</i>	<i>Outros</i>
Imagem Organizacional	Capital Humano; Treinamento e Desenvolvimento	Dinâmica Estratégica e Teoria Econômica; <i>Resource Picking</i> ; Ativos Intangíveis; Micro-estrutura de mercado; Custos de Transformação de Preços; Estrutura do Capital	Grupos Estratégicos; Competências Capacidades Organizacionais; Mudanças Estratégicas; Posicionamento Estratégico; Estratégias Cooperativas; Desempenho Empresarial; Alianças Estratégicas; Aprendizagem Organizacional; Capacidades Dinâmicas; Tomada de decisão; Redes; Processos de Negócio; Aquisições	Gestão Ambiental; Relações Internacionais; Gestão do Conhecimento; Inovação; Tecnologia

A Tabela 4 demonstra a frequência das publicações por tema onde indica apenas o ENANPAD e o SMJ com uma alta diversidade de temas nos artigos publicados. Em ambos, o grupo temático mais presente é o de conteúdos referentes à gestão organizacional, sendo 67% dos artigos no ENANPAD e 51% dos artigos publicados no SMJ, somando um total de aproximadamente 54%.

Tabela 4. Frequência das publicações por tema no período de 2000 a 2006.

	<i>Gestão Mercadológica</i>	%	<i>Gestão de Pessoas</i>	%	<i>Gestão Finan. e Econ.</i>	%	<i>Gestão Organizacional</i>	%	<i>Outros</i>	%
ENAN-PAD	1	3	1	3	3	8	24	67	7	19
RAE		0		0		0	1	10		0
RAC		0		0	1	20	3	60	1	20
SMJ		0	1	3	7	19	19	51	10	27
Total	1	1	2	3	11	14	47	59	18	23

A análise temática dos artigos indica que a maior parte dos trabalhos trata de assuntos de gestão organizacional (59%). Este tema está presente em todos os periódicos (ver Tabela

5). O tema referente à área financeira e econômica está presente também em mais de um periódico (ENANPAD, RAC e SMJ), representando 14% das publicações.

Tabela 5. Freqüência dos temas nas publicações no período de 2000 a 2006.

	<i>ENANPAD</i>	%	<i>RAE</i>	%	<i>RAC</i>	%	<i>SMJ</i>	%	Total	%
Gestão Mercadológica	1	100		0		0		0	1	1
Gestão de Pessoas	1	50		0		0	1	50	1	3
Gestão Financ. e Econ.	3	27		0	1	9	7	64	11	14
Gestão Organizacional	24	51	1	2	3	5	19	40	47	59
Outros	7	39		0	1	6	10	56	18	23

A Figura 1 ilustra a distribuição da classificação temática por periódico no período de 2000 a 2006.

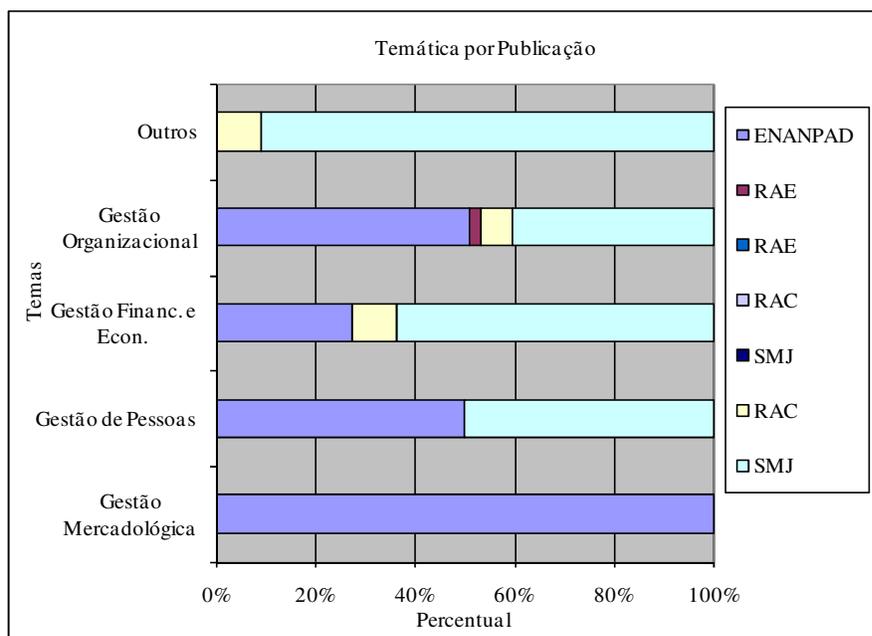


Figura 1. Distribuição da classificação temática nos periódicos.

4.3 PERFIL METODOLÓGICO DA PRODUÇÃO CIENTÍFICA EM VBR

Sob a perspectiva do perfil metodológico, a análise dos trabalhos mostra na Tabela 6 que os artigos empíricos e teórico-empíricos são a ampla maioria dos trabalhos na amostra (78%), sendo os artigos teóricos 22% das publicações. Algumas diferenças nessas proporções podem ser encontradas em relação à produção do SMJ e à produção nacional (periódicos e ENANPAD). Predominam na RAC, RAE e ENANPAD os artigos empíricos, enquanto no SMJ, a preferência parece ser por artigos de natureza teórico-empírico e teórico.

Analisando a evolução da produção científica ano a ano, observa-se uma equivalência entre os artigos empíricos, teórico-empíricos e teóricos no período de 2000 a 2003. Em 2004, houve um maior número de trabalhos teórico-empíricos (70%), que foi resultado da produção

de artigos do *SMJ*, produção internacional. Após este período existe uma variação na publicação de artigos, predominando os artigos empírico (38%) e teórico-empíricos (48%).

Tabela 6. Abordagem metodológica

	<i>Empírico</i>	%	<i>Teórico-empírico</i>	%	<i>Teórico</i>	%
ENANPAD	21	75	11	32	4	24
RAC	3	11			2	12
RAE					1	6
SMJ	4	14	23	68	10	59
Total	28		34		17	
%	35%		43%		22%	

Para demonstrar melhor a produção de base empírica, os trabalhos empíricos ou teórico-empíricos foram classificados em qualitativos, quantitativos ou mistos (qualitativos / quantitativos), conforme apresentado na Tabela 7. Ao analisar essa classificação, observa-se uma pequena predominância (45%), dentre aqueles artigos com alguma base empírica, de trabalhos qualitativos que podem ser considerados com baixa pretensão ou requinte metodológico.

Analisando essa distribuição por periódico, percebe-se que nas publicações nacionais predominam os estudos qualitativos enquanto na amostra internacional destacam-se estudos de natureza quantitativa. Uma explicação para o predomínio de estudos qualitativos é a própria natureza da abordagem VBR, que dá ênfase aos aspectos idiossincráticos da firma. Assim, alinha-se à proposta qualitativa ao analisar um fenômeno no contexto em que ocorre, sob uma perspectiva integrada, visando descrever um sistema complexo de significados (GODOY, 1995). Por outro lado, o predomínio nas publicações nacionais poderia indicar pouco interesse na busca de confirmação de resultados ao longo do período. Pela significância de sua proporção, é preciso entender melhor que tipo de trabalho qualitativo está sendo produzido nacionalmente na área. Com relação aos trabalhos que utilizam os dois métodos de pesquisa (qualitativo/quantitativo), há uma predominância na publicação internacional (22% dos artigos do *SMJ*).

Tabela 7. Classificação dos trabalhos teórico-empíricos e empíricos.

	<i>Quali</i>	%	<i>Quanti</i>	%	<i>Quali- quanti</i>	%
ENANPAD	22	79	8	31	2	25
RAC	2	7	1	4		0
RAE		0		0		0
SMJ	4	14	17	65	6	75
Total	28		26		8	
%	45%		42%		13%	

Uma análise da evolução ano a ano mostra uma predominância da produção de artigos com o enfoque qualitativo, com exceção do período de 2004 a 2005, quando foram produzidos em maior quantidade os artigos com abordagem quantitativa. Neste período houve produção de trabalhos quantitativos tanto nacionais (55%) como internacionais (45%).

A Tabela 8 demonstra a distribuição dos artigos pesquisados de acordo com a natureza da pesquisa: exploratória, descritiva ou causal. A maior parte dos artigos analisados (60%) é de natureza exploratória. Isto pode ser um indício de um estágio ainda introdutório na apropriação da abordagem nos artigos que envolvem este tema. Ou ainda pode refletir a

essência da abordagem no sentido de buscar melhor entendimento sobre as variáveis que fazem parte do fenômeno através de uma análise intensiva do contexto contemporâneo, evidenciando os seus pressupostos e atribuições (THEODORSON e THEODORSON, 1970).

Analisando os trabalhos de natureza descritiva constata-se que todos são classificados como quantitativos ou mistos (qualitativos/quantitativos), sendo que todos utilizam a metodologia de pesquisa tipo *survey*. Os artigos de natureza descritiva representam 39% dos artigos analisados. Considerando a produção nacional estes representam 31% e com relação à produção da amostra internacional representam 48%.

Tabela 8. Natureza dos artigos.

	<i>Exploratória</i>	%	<i>Descritiva</i>	%	<i>Causal</i>	%
ENANPAD	22	59	10	42	0	0
RAC	2	5	1	4	0	0
RAE						0
SMJ	13	35	13	54	1	100
Total		37		24		1
%		60%		39%		1%

Analisando separadamente a produção nacional e a amostra internacional identifica-se que os trabalhos nacionais são predominantemente de natureza exploratória (69% das publicações nacionais). Já na amostra internacional, as publicações do *SMJ*, apresentam uma distribuição equivalente quanto à natureza da pesquisa, tendo igualmente 48% de suas publicações classificadas como exploratórias e 48% descritivas.

A análise evidencia a predominância da produção nacional de trabalhos de natureza exploratória que adotam como metodologia de pesquisa os estudos de caso, que na sua maioria analisam um único evento ou situação especial. Isso significa que grande parte da produção científica nacional vem se limitando a estudar contextos específicos, onde os resultados alcançados dificilmente podem levar a algum grau mais elevado de generalização.

Uma análise da evolução da produção científica na área de estratégia no período de 2000 a 2006, focando na natureza da pesquisa, conforme destacado na Figura 2, mostra uma predominância de artigos com o enfoque exploratório em todos os anos. Salienta-se que no ano de 2002 os artigos produzidos foram somente de natureza exploratória. O número de artigos de natureza descritiva começou a aumentar a partir de 2004, sendo que em 2004 e 2005 predominou este tipo de pesquisa (78% em 2004 e 82% em 2005). A produção de artigos de natureza causal é inexpressiva nesta área (1%).

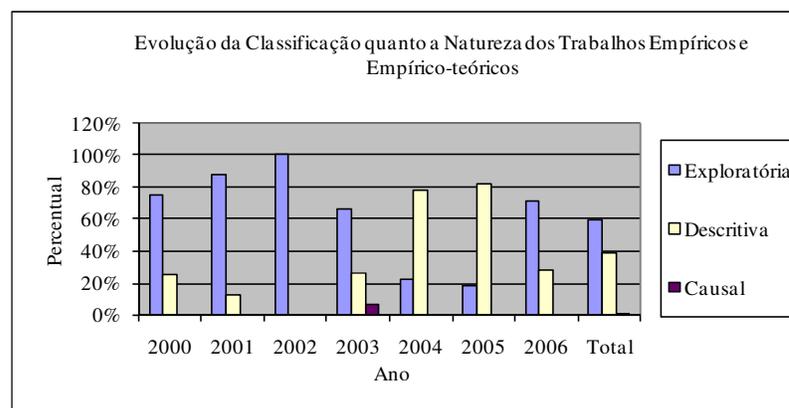


Figura 2. Evolução da classificação quanto á natureza dos trabalhos empíricos e empírico-teóricos nacional e internacional no período de 2000 a 2006.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por acrescentar uma nova perspectiva sobre a “localização” dos fatores de diferenciação, se externos ou internos à firma, a VBR significa uma mudança de paradigma no entendimento da competitividade das empresas. Sendo atualmente considerada como a abordagem dominante nos debates acerca da “localização” da vantagem competitiva nas organizações (HOSKINSSON *et al.*, 1999), este estudo se propõe a analisar a produção científica fundamentada na abordagem VBR nos últimos sete anos.

A fim de realizar a referida análise, optou-se por uma metodologia testada e consagrada por diferentes trabalhos de autores brasileiros (HOPPEN e MEIRELLES, 2004; DAVEL e ALCADIPANI, 2003; TONELLI *et al.*, 2003; SAMPAIO e PERIN, 2006; BERTERO *et al.* 1999; HOPPEN *et al.*, 1998; MACHADO-DA-SILVA *et al.*, 1990). Trata-se de uma metodologia adequada para um primeiro mapeamento sobre a produção científica nacional utilizando a abordagem da VBR.

A pesquisa mostrou que a produção científica em estratégia fundamentada na teoria VBR ainda não representa um número significativo de artigos na produção nacional, apenas 4% da produção total na amostra analisada. Da amostra internacional pesquisada, os artigos fundamentados em VBR são também poucos se comparados com o total da produção (8% das publicações do SMJ). Este resultado vem confirmar a afirmação dos autores Rugman e Verbeke (2002) que consideram pouco madura as pesquisas que adotam a VBR.

Observou-se que da produção nacional analisada no período, as publicações do ENANPAD são as mais significativas em número e em qualidade e que podem ser comparadas com as publicações internacionais. O número de artigos das revistas brasileiras analisadas (RAC, RAE e RAUSP) que se baseiam na VBR é, aparentemente pouco expressivo, apenas seis artigos identificados (14% da produção nacional). Contudo, outros estudos utilizando outras metodologias de análise poderão validar esses resultados.

Igualmente, o levantamento sobre a literatura baseada neste paradigma, aponta uma concentração de estudos no campo da administração estratégica. À medida que ganha espaço nos estudos empíricos, a VBR paulatinamente avança no sentido de resgatar suas origens da sociologia, ou seja, a de investigar mais precisamente a complexidade subjetiva e a compreensão da natureza dos fenômenos internos à firma (PENROSE, 1959/1995). Esta corrente, de cunho mais explicativo, utiliza elementos que ressaltam a perspectiva coletiva e dinâmica das relações entre os recursos e capacidades empresariais, focalizando em temáticas tais como mudanças estratégicas, grupos estratégicos, competências, capacidades, desempenho, estratégias cooperativas, alianças estratégicas, redes, aprendizagem organizacional, tomada de decisão, aquisições, processos de negócio, teoria organizacional, gestão do conhecimento, inovação tecnologia e internacionalização e mensuração de desempenho. Entretanto, este movimento de articulação das diversas linhas teóricas para explicar as diferenças de performance das empresas ainda é tímido.

Com relação à análise do perfil metodológico dos artigos científicos estudados, a ampla maioria dos trabalhos pode ser classificada como empíricos e teórico-empíricos (78%). Esta constatação pode ser observada tanto nos artigos nacionais quanto internacionais. As características metodológicas da produção científica da amostra analisada demonstra também pouca maturidade nas pesquisas, principalmente na produção nacional. A produção nacional é predominantemente de natureza exploratória (60%), adotando as metodologias de pesquisa qualitativas (69% dos artigos nacionais). Uma explicação para o predomínio de estudos qualitativos é a própria natureza da abordagem VBR, que dá ênfase aos aspectos idiossincráticos da firma. Já a amostra da produção internacional disponibiliza artigos de natureza exploratória e descritiva na mesma proporção (48%), e apresenta pesquisas que

aplicam metodologias qualitativas e quantitativas, com predominância das quantitativas (85%).

Os resultados desta pesquisa podem demonstrar uma tendência à estabilização da produção científica nesta área. Esta constatação vem da análise do número de artigos produzidos ao longo dos últimos sete anos, pois pode-se observar que nos últimos dois anos (2005 e 2006) a produção de artigos nacionais fundamentados em VBR permaneceu nos mesmos patamares. Já a amostra da produção internacional diminuiu nos últimos dois anos.

Este estudo apresenta algumas limitações, pois restringiu-se, no âmbito nacional, à pesquisa nos Anais do ENANPAD e nas revistas RAC, RAE e RAUSP e no internacional, à apenas o periódico *Strategic Management Journal*, como veículo representativo da área de estratégia. Visando alcançar resultados mais consolidados, sugere-se a continuação desta análise em outros periódicos nacionais e estrangeiros e também em dissertações e teses das instituições de ensino nacionais que abordam a VBR.

Como mencionado anteriormente, essa pesquisa abre as portas para futuros estudos utilizando diferentes metodologias, os quais poderão validar os resultados aqui encontrados. Entre outros, duas opções de estudo se abrem. A primeira utilizando a metodologia empregada por Ramos-Rodriguez e Ruiz-Navarro (2004) através da identificação de autores e artigos-chave (*co-citation*) em uma primeira fase pode contribuir para o aprofundamento da análise. A segunda, ampliando o conceito de RBV para uma teoria baseada em recursos, englobando dessa forma a VBR, assim como a visão baseada em conhecimento e as capacidades dinâmicas (ACEDO *et al.*, 2006).

6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ACEDO, F. J.; BARROSO, C.; GALAN, J. L. The resource-based theory: Dissemination and main trends. **Strategic Management Journal**, v.27, n. 7, p. 621-636, 2006.
- AMIT, R.; SCHOEMAKER, P.J.H. Strategic assets and organizational rent. **Strategic Management Journal**, v.14, n.1, p.:33-46, 1993.
- BARNEY, J.B. Strategic factor markets: expectations, luck, and business strategy. **Management Science**, v.32, p. 1231-1241, 1986.
- BARNEY, J. B. Firm Resources and Sustained Competitive Advantage. **Journal of Management**, v.17, n. 1, p. 99-120, 1991.
- BARNEY, J. B. AKIRAN, A. M. The Resource-based View: Origins and Implications In HITT, M. A. FREEMAN, R. E. HARRISON, J. S. **Handbook of Strategic Management Oxford**, Great Britain: Blackwell Publishers Ltd., 2001.
- BERTERO, C.O.; CALDAS, M.P.; WOOD JR, T. Produção científica em administração de empresas: provocações, insinuações e contribuições para um debate local. **Revista de Administração Contemporânea**, v.3, n.1, p.147-178, 1999.
- DAVEL, E.; ALCADIPANI, R. Estudos críticos em administração: a produção científica brasileira nos 1990. **Revista de Administração de Empresas**, 43(4):72-85, 2003.
- DIERICKX, I.; COOL, K. Asset stock accumulation and sustainability of competitive advantage. **Management Science**, v.35, p.1504-1511, 1989.
- FOSS, N. Resources and strategy: a brief overview of themes and contributions. In: FOSS, Nicolai (org.). **Resources, firms and strategies: a reader in the resource-based perspective**. 1ª Edição. Oxford: Oxford University Press. cap. 1, p. 3-18, 1997

- FROEMMING, L.M.S.; LUCE, F.B.; PERIN, M.G.; SAMPAIO, C.H.; BEBER, S.N.; TREZ, G. Inventário de artigos científicos na área de marketing no Brasil. **Revista de Administração Contemporânea**, v.4, n.2, p.159-173, 2000.
- GRANT, M. R. The Resource-Based Theory of Competitive Advantage: Implications for Strategy Formulation. **California Management Review**, v.33, n.3, p.114-135, 1991.
- GODOY, A. A Pesquisa Qualitativa: tipos fundamentais. **Revista de Administração de Empresas**, São Paulo, v.35, n.3, p.20-29, 1995.
- HOPPEN, N.; AUDY, J.L.; ZANELA et al. Sistemas de Informação no Brasil: uma análise dos artigos científicos dos anos 0. In: **XXII Encontro Anual da Associação Nacional dos Programas de Pós-graduação e pesquisa em Administração**, Foz do Iguaçu, 1998.
- HOPPEN, N.; MEIRELLES, F.S. Sistemas de informação: um panorama da pesquisa científica entre 1990 e 2003. **Revista de Administração de Empresas**, v.45, n.4, 2004.
- HOSKINSSON, R. E. HITT, M. A. WAN, W. P. DAPHNE, Y. Theory and Research in Sytrategic management: swings of a pendulum. **Journal of Management**, v.25, n.3, p.417-456, 1999.
- LADO, A. BOYD, N. WRIGHT, P. A Competency-Based Model of Sustainable Competitive Advantage: Toward a Conceptual Integration. **Journal of Management**. v.18, n.1, p.77-91, 1992.
- MACHADO-DA-SILVA, C.; CUNHA, V.C.; AMBONI, N. Organizações: o estado da arte da produção acadêmica no Brasil. In: **XIV Encontro Anual da Associação Nacional dos Programas de Pós-graduação e Pesquisa em Administração**, Florianópolis, 1990.
- MILLS, J. PLATTS, K. BOURNE, M. RICHARD, H. **Competing Through Competences**. Cambridge University Press. 179p, 2002.
- PENROSE, E. **The Theory of the Growth of the Firm** (with a new foreword by the author, 3rd ed.) Oxford University Press, Oxford, 1959/1995.
- PERIN, M.G; SAMPAIO, C.H.;FROEMMING, L. et al. A pesquisa survey em artigos de marketing nos Enanpads da década de 90. In: **XXIV Encontro Anual da Associação Nacional dos Programas de Pós-graduação e Pesquisa em Administração**, Florianópolis, 2000.
- PETERAF, M. A. The cornerstones of competitive advantage: A resource-basead view. **Strategic Management Journal**, Baffins Lane – England, v.14, p.179 – 188, 1993.
- PORTER, M. The structure within industries and companies' performance. **Review of Economics and Statistics**, v.61, p.214-227, 1979.
- PORTER, M. **Competitive Strategy**. Free Press: New York, 1980.
- RAMOS-RODRIGUEZ, A. R.; RUIZ-NAVARRO, J., Changes in the intellectual structure of strategic management research: A bibliometric study of the strategic management journal, 1980-2000, **Strategic Management Journal**, v.25, n.10, p.981-1004, 2004.
- RUGMAN, A.M.; VERBEKE, A. Edith Penrose's contribution to the resource-based view of strategic management. **Strategic Management Journal**, v.23, n.8, p.769-780, 2002.
- RUMELT, R. P. (1984) Towards a strategic theory of the firm. In FOSS, Nicolai (org.) **Resources, firms and strategies: a reader in the resource-basead perspective**. 1ª Edição. Oxford: Oxford University Press, cap. 11, p. 131-145, 1997.

- RUMELT, R. Foreward. In HAMEL, G. HEENE, A. **Competence-Based Competition**. New York: John Wiley, pp. XV-XIX, 1994.
- SAMPAIO, C.H.; PERIN, M.G. Pesquisa científica da área de marketing: uma revisão histórica. **Revista de Administração Contemporânea**, v.10, n.2, p.179-202, 2006.
- SANCHEZ, R. Analyzing Internal and Competitor Competences: Resources, Capabilities and Management Process. In FAULKNER, D. O. CAMPBELL, A. **The Oxford Handbook of Strategy**. Volume I: A Strategy Overview and Competitive Strategy, New York, Oxford University Press, 2003.
- SELZNICK, P. Leadership in Administration: A Sociological Interpretation. In FOSS, Nicolai (org.) **Resources, firms and strategies: a reader in the resource-based perspective**. 1ª Edição. Oxford: Oxford University Press, cap. 2, p. 21-26, 1957/1997.
- STINCHCOMBE, A. L. Social Structure and Organization. In J. G. MARCH (Ed.) **Handbook of Organizations**, p.142-193, Chicago: Rand-McNally, 1965.
- TEECE, D.J.; PISANO, G.; SHUEN, A. Dynamic capabilities and strategic management. **Strategic Management Journal**, v.8, n.7, p.509-533, 1977.
- THEODORSON, G.A.; THEODORSON, A.G. **A Modern Dictionary of Sociology**. Londres: Methuen, 1970.
- TONELLI, M.J.; CALDAS, M.P.; LACOMBE, B.B.; TINOCO, T. Recursos humanos: a produção científica no Brasil entre 1991 e 2000. **Revista de Administração de Empresas**, v.43, n.1, p.105-122, 2003.
- VASCONCELOS, F. C. CYRINO, A B. Vantagem competitiva: os modelos teóricos atuais e a convergência entre estratégia e teoria organizacional. **Revista de Administração de Empresas**, São Paulo, v.40, n. 4, p.20-37, Out/Dez, 2000.
- VIEIRA, F. Por quem os sinos dobram? Uma análise da publicação científica na área de marketing do Enanpad. In: **Encontro Anual da Associação Nacional dos Programas de Pós-graduação e Pesquisa em Administração**, 22., 1998, Foz do Iguaçu. Anais. Foz do Iguaçu: ANPAD, 1998.
- WERNERFELT, B. A resource-based view of the firm. **Strategic Management Journal**, v.5, n.2, p. 171-180, 1984.
- WERNERFELT, B. Determinants of firm performance: the relative importance of economic and organizational factors. **Strategic Management Journal**, v.10, n.5, p.399-41, 1989.
- WERNERFELT, B. The link between the resources and type of diversification: theory and evidence. **Strategic Management Journal**, v.12, n.1, p.33-48, 1991.